



Autoconsciência, saúde mental e desigualdade de gênero: O impacto do autofoco em homens e mulheres

Self-consciousness, mental health and gender inequality:
The impact of autofocus on men and women

Juliana Bárbara Barboza de Moura¹
Renê Marcelino da Silva Junior²
Alexsandro Medeiros do Nascimento³
Antonio Roazzi⁴

RESUMO

A autoconsciência pode ser compreendida como a capacidade de prestar atenção a si, tendo como dimensões a Reflexão e a Ruminação. Em diversas pesquisas as mulheres apresentaram índices mais elevados de autoconsciência Ruminativa do que os homens. A ruminação tem como característica pensamentos negativos, depreciativos que acontecem de forma repetitiva. A mulher, por muito tempo, assumiu o papel de subordinação, de propriedade dos homens e isso fez com que elas fossem silenciadas, menosprezadas, inferiorizadas, controladas e submetidas a situações que a sociedade definiu como o correto para o gênero feminino. O lugar ideal para elas era em suas casas cuidando dos filhos e da família. A ruminação em mulheres pode estar relacionada ao papel sociocultural que elas ocupam. Diante disso, este estudo tem por objetivo investigar a autoconsciência e suas relações com sintomas psicopatológicos e microagressões de gênero em mulheres quando comparadas aos homens, todos os participantes residem na região metropolitana do Recife-PE. Participaram da pesquisa 224 estudantes homens e Mulheres com idades entre 18 a 60 anos. Para avaliar os construtos utilizamos: Questionário de Ruminação-Reflexão – QRR, Escala de Avaliação de Sintomas – 40 (EAS-40), Escala de Microagressões de Gênero e Questionário sociodemográfico. O estudo revela que mulheres tendem a apresentar níveis mais elevados de ruminação, caracterizada por pensamentos negativos repetitivos, em comparação com homens. Os resultados mostram correlações significativas entre ruminação e sintomas psicopatológicos, bem como microagressões de gênero e esta, por sua vez, se correlacionou com grande parte dos sintomas psicopatológicos estudados, indicando que a ruminação em mulheres pode estar ligada ao papel sociocultural que elas ocupam. O estudo destaca a importância de considerar as dimensões de gênero na saúde mental e sugere intervenções psicológicas para atenuar a vulnerabilidade a sintomas psicopatológicos relacionados à ruminação.

Palavras-chave: Autoconsciência; Ruminação; Mulher; Psicopatologias; Microagressão.

¹ Juliana Bárbara Barboza de Moura. Graduada em Psicologia – UNINASSAU. E-Mail: juli-barbara@hotmail.com

² Renê Marcelino da Silva Junior. Doutor em Psicologia Cognitiva pelo PPG em Psicologia Cognitiva, UFPE. Professor na UNINASSAU. Pesquisador do LACCOS / UFPE. Email: renemarcelino@gmail.com

³ Alexsandro Medeiros do Nascimento. Doutor em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor vinculado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: alexsandro.mnascimento@ufpe.br. Brasil. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-9981-8384>

⁴ Antonio Roazzi. D.Phil - Doutor em Psicologia do Desenvolvimento Cognitivo pela University of Oxford, UK. Professor titular vinculado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: roazzi@gmail.com. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6411-2763>



ABSTRACT

Self-consciousness can be understood as the ability to pay attention to oneself with Reflection and Rumination as dimensions. In several surveys, women showed higher levels of Ruminative self-awareness than men. Rumination is characterized by negative, derogatory thoughts that happen repeatedly. Women, for a long time, assumed the role of subordination, belonging to men, and this meant that they were silenced, belittled, made inferior, controlled, and subjected to situations that society defined as correct for the female gender. The ideal place for them was in their homes, caring for their children and family. Rumination in women may be related to the sociocultural role they occupy. Therefore, this study aims to investigate self-awareness and its relationships with psychopathological symptoms and gender microaggressions in women when compared to men, all participants residing in the metropolitan region of Recife-PE. A sample of 224 male and female students aged 18 to 60 participated in the survey. To evaluate the constructs, we used the Rumination and Reflection Questionnaire – QRR, Symptom Assessment Scale – 40 (EAS-40), Gender Microaggression Scale, and sociodemographic questionnaire. The study reveals that women tend to have higher levels of rumination, characterized by repetitive negative thoughts, compared to men. The results show significant correlations between rumination and psychopathological symptoms, as well as gender microaggressions, and this, in turn, correlated with a large part of the psychopathological symptoms studied, indicating that rumination in women may be linked to the sociocultural role they occupy. The study highlights the importance of considering gender dimensions in mental health and suggests psychological interventions to mitigate vulnerability to psychopathological symptoms related to rumination.

Keywords: Self-consciousness; Rumination; Woman; Psychopathologies; Microaggression.

INTRODUÇÃO

Historicamente no Brasil e em outras culturas, o gênero é posto como principal determinante de quem devemos ser na sociedade. Ao nascer, um conjunto de regras são impostas levando em consideração o sexo biológico. Essas regras dizem respeito ao que é coisa de homem e coisa de mulher, definem o ideal de como falar, como se comportar, como se vestir, com quem se relacionar sexualmente e as obrigações que cada um tem perante a sociedade. Ou seja, todos os machos e fêmeas devem ser obrigados a passar por uma socialização sexual, onde lhes serão ensinados culturalmente o que é do feminino e do masculino (PARKER, 2000). Um homem deve ser ponderado e conter seus sentimentos, o contrário disso entende-se que é um comportamento de mulher (LOURO, 2000). Podemos dizer que o gênero é uma relação de poder (WEEKS, 2000), pois ele é responsável por definir quem comanda e quem será comandado e pela desigualdade social (LOURO, 1997).

Lerner (2013, p 42) afirma que “É o gênero que vem sendo o principal responsável por determinar o lugar das mulheres na sociedade.”. A mulher, por muito tempo, assumiu o papel de subordinação, de propriedade dos homens e isso fez com que elas fossem silenciadas, menosprezadas, inferiorizadas, controladas e submetidas a situações que a sociedade definiu como o correto para o gênero feminino. As mulheres eram consideradas inadequadas para



assumir funções específicas e para cursar o nível superior, simplesmente por conta das características biológicas e da maternidade. A menstruação, por exemplo, colocava as mulheres em posições de incapacidade, de doente. Por conta disso, eram consideradas inferiores aos homens. O lugar ideal para elas era em suas casas cuidando dos filhos e da família. Podemos dizer que a maternidade é, de fato, uma questão biológica, no entanto, a posição de cuidado é uma construção da sociedade (LERNER, 2013). Essa responsabilidade pela família é até hoje da mulher. Quando trabalham fora de casa e tem uma família, é comum ouvirmos a expressão que a mulher tem dupla jornada, uma em casa e uma no trabalho.

Considerando as condições de existência das mulheres em contexto brasileiro este estudo objetiva investigar as configurações da autoconsciência ruminativa em mulheres e suas relações com sintomas psicopatológicos e microagressões de gênero, uma vez que identificamos uma série de estudos empíricos sobre autoconsciência os quais evidenciam que mulheres tendem a ser mais autoconscientes, apresentando níveis elevados de autoconsciência aversiva do tipo ruminativa a qual figura como um fator transdiagnóstico para o desenvolvimento de psicopatologias e deve estar relacionada a frequência de vitimização por microagressões de gênero. Para tal esta pesquisa em sua primeira seção irá abordar descrições sobre a autoconsciência como um processo psicológico, seus enlaces com processos sociocognitivos e suas diferentes dimensões. Na segunda seção iremos descrever as condições de desigualdades de gênero as que as mulheres são submetidas destacando as microagressões como forma de materialização destas desigualdades nas interações sociais articulando a condição da mulher com a autoconsciência. Na terceira seção descrevemos o método utilizado para realização desta pesquisa. Na quarta seção apresentaremos os resultados do estudo enfocando as possíveis respostas as hipóteses levantadas, em seguida discutiremos os resultados encontrados no diálogo com outras pesquisas no campo da autoconsciência e gênero e por fim apresentaremos as considerações finais deste estudo.

AUTOCONSCIÊNCIA E PROCESSOS PSICOLÓGICOS

A autoconsciência é inerente ao ser humano, pois é a partir desse fenômeno que se presta atenção a si, que o foco atencional se direciona para o Self (NASCIMENTO, PAULA E



ROAZZI, 2017). Os estudos sobre a autoconsciência foram desenvolvidos a partir da década de 1970 com a obra de Shelley Duval e Robert A. Wicklund, eles foram aos desenvolvedores da teoria OSA (Autoconsciência objetiva). De acordo com essa teoria, o foco atencional pode estar voltado para Self ou para o mundo externo (BARBOZA, 2017). O Self pode ser compreendido por Macedo e Silveira (2012), “como si mesmo, a tomada de consciência de ser uma entidade independente e autônoma em relação ao outro.”. Segundo Morin e Everett (1991, p 1299) a autoconsciência pode ser compreendida como um “estado em que ele pode observar suas próprias características e comportamentos.”. Para Barboza (2017, p 43) “O ser se torna autoconsciente quando se torna capaz de refletir acerca da experiência de perceber e processar estímulos, galgando, dessa maneira, enorme vantagem evolutiva e se tornando capaz de auto-regulação.”. Dentro desse processo existem dois tipos de autoconsciência a situacional (*self-awareness*) e a disposicional (*self-consciousness*), o primeiro aspecto diz respeito a transitoriedade do autofoco que depende dos estímulos ambientais e o segundo diz respeito aos aspectos mais permanentes da personalidade, seriam uma tendência a autofocalização da atenção constituída ao longo do desenvolvimento e por isso independe dos estímulos ambientais (NASCIMENTO E ROAZZI, 2013). Temos dois outros tipos de autoconsciências, a privada, que diz respeito as próprias características psicológicas, como por exemplo, emoções, processos de pensamentos, etc.; a pública que está relacionada aos foco atencional sobre comportamento e aparência física (SILVA JUNIOR, 2019).

Morin propôs um modelo multidimensional que integra de modo articulado e coerente as diversas variáveis relacionadas à Autoconsciência apontadas pelas pesquisas. O modelo socioecológico e neurocognitivo de Autoconsciência, enquanto um processo cognitivo, agrega as diferentes dimensões epistemológicas envolvidas no autofoco (Morin, 2004).

Em concordância com Duval e Wicklund (1972) Morin define Autoconsciência como a capacidade da consciência humana de tornar-se objeto de sua própria atenção, por meio da qual o indivíduo percebe e avalia diferentes aspectos do self (autoaspectos), obtendo informação sobre as diversas dimensões de si mesmo (autoinformação), a qual poderá ser integrada numa representação conceitual do self, o autoconceito. É importante ressaltar que seu modelo põe em relevo o papel que Autoconsciência desempenha como função mediadora do autoconhecimento no sentido de descrever os modos interpessoais de aquisição de autoinformação, como também os processos intrapsíquicos de aquisição e modelagem cognitiva da mesma (MORIN, 2004).



O modelo sugere três fontes desencadeadoras da Autoconsciência: (1) o meio social, o qual contém feedback relevante através de comentários e observação do self por parte dos outros; (2) o mundo físico, através de estímulos autofocalizadores propiciados por câmeras de vídeo, fotografias, espelhos e superfícies espelhadas (3) e o próprio self, através da dupla estimulação sensorial, e de processos cognitivos como a fala interior e imagens mentais.

Os estímulos autofocalizadores, como espelhos, fotos e vídeos são variáveis ambientais responsáveis por desencadear o autofoco porque eles relembram ao self o seu status de objeto de avaliação e apreciação pelos outros. Um exemplo interessante desses estímulos são as mensagens de áudio e vídeo que são enviadas para amigos e grupos, via WhatsApp e outros aplicativos de mensagens. Muitas vezes, após o envio, a mensagem é reproduzida pelo autor e nesse momento acontece o processo de autoavaliação, onde serão confrontados os aspectos, da voz, da imagem, do ambiente, e da coerência da informação com o que se pretendia/esperava. Pensamentos como “como estou feia”, “como minha voz está esquisita”, “como ficou legal a mensagem” pode surgir. Estímulos autofocalizadores tem efeito potencial de desencadear processos de autoavaliação e auto-observação, operações puramente autoconscientes (MORIN, 2020).

A autoavaliação que se faz em processo de autofoco pode ser percebida de forma desagradável ou agradável e isso dependerá das afetações situacionais. Essas afetações dizem respeito a carga cultural, moral e social que o ser humano internaliza no decorrer da vida e que promovem a construção do indivíduo, são responsáveis pelo processo de autofoco (NASCIMENTO, JUNIOR, JUNIOR, RAOZZI, 2020). Toda essa influência é percebida nas ações e pensamentos. O processo de autofoco permite que o indivíduo se perceba, se autoavaleie diante de um padrão social (self ideal) para a dimensão do self posta em avaliação, então o indivíduo pode avaliar a própria aparência física, por exemplo, comparando com um padrão social para esta dimensão. Quando o self real apresenta discrepância do Self ideal a pessoa pode experimentar afeto negativo, porém, quando há similaridade, entre as dimensões em avaliação, entram em contato com o afeto positivo (WICKLUND, 1975; JIMÉNEZ, 2005; DUVAL; SILVIA, 2001).

Na dimensão autoconsciência privada as pesquisas demonstram que existem dois modos de funcionamento, a Reflexão e a Ruminação. A reflexão é caracterizada por aspectos relacionados a abertura para a experiência e busca saudável e positiva de conhecimento de si



mesmo, a ruminação acontece quando o foco atencional se volta para o self de forma ansiosa, repetitiva, com pensamentos relacionados ao medo de falhar, ameaças e dúvidas permeada por afeto negativo e também ligadas a valores pessoais. Esse fenômeno está relacionado ao sofrimento psíquico e uma vez iniciado é difícil cessar (TRAPNELL E CAMPBELL, 1999).

Tendo em vista que a ruminação está ligada a pensamentos negativos e repetitivos, um conjunto de pesquisas evidenciam que este tipo de pensamento está relacionado ao adoecimento psíquico e deve ter efeito desencadeadores de transtornos mentais como a bipolaridade, ansiedade generalizada, obsessivo compulsivo, personalidade borderline, pânico, depressão (SILVEIRA JÚNIOR, 2017). Souza, Faria e Leal (2019) afirmam que o consumo excessivo de álcool pode estar associado a ruminação pois funciona como um antidepressivo. Os eventos estressores e os traumas gerados podem desencadear pensamentos negativos, depreciativos, destrutivos e angustiantes que quando entram em processo ruminativo as pessoas experimentam uma série de sensações desconfortantes como preocupação, medo, raiva, humor deprimido (SILVA JUNIOR, 2019).

A ruminação tem recebido atenção empírica sistemática no campo da psicopatologia, as evidências têm confirmado o papel da ruminação como o tipo de autofoco fortemente associado a depressão e outros transtornos, por manter, exacerbar e aumentar os sintomas psicopatológicos no tempo, constituindo um fator preditivo e transdiagnóstico para diversas psicopatologias por inundar o pensamento de maneira intrusiva com reflexões sobre as próprias angústias (NOLEN-HAOKSEMAN, 2008; SILVA JUNIOR, 2019). Assim, a Autoconsciência se evidencia como um fenômeno ambivalente e dual que se tensiona dialeticamente entre formas de autofoco disfuncional relacionado a sofrimento psíquico como a ruminação e a formas construtivas e funcionais relacionada as operações de autocontrole, automonitoramento e constitui o caminho também para construção da autoestima e de autoconhecimento como a reflexão (TRAPNELL E CAMPBELL, 1999).

Alguns resultados de diversas pesquisas, no Brasil e no mundo, têm revelado que as mulheres exibem níveis mais elevados de autoconsciência, em específico de ruminação, associada a variados sintomas psicopatológicos (NOLEN-HAOKSEMAN, 2008; VIANA, 2016; SILVA JUNIOR, 2019). É provável que as pressões para conformação aos papéis de gênero e orientação sexual tenham impactos estressores sobre a experiência das mulheres desencadeando formas disfuncionais de autofoco, como a ruminação. Neste sentido,



exploraremos na próxima seção as relações da autoconsciência com os sintomas psicopatológicos considerando as condições de existência das mulheres no Brasil.

Desigualdade de gênero, autoconsciência e sintomas psicopatológicos

Desde o início dos movimentos feministas nos anos 60 até hoje, muita coisa mudou, muitos direitos foram alcançados e as mulheres hoje têm mais liberdade, visibilidade e representatividade, no entanto, a influência de uma sociedade machista e patriarcal ainda é muito presente. No Brasil a constituição de 1988 consagrou a igualdade entre homens e mulheres, porém, a realidade concreta revela diversas desigualdades no mundo do trabalho e nas relações sociais mais amplas. As mulheres são mais vulneráveis ao desemprego, são discriminadas e preteridas para assumir função de chefia, elas representam 37,4% em relação aos cargos de chefia exercido pelo homem, além disso, recebem 77,7% do salário dos homens (IBGE, 2021). Em adicional, são também sub-representadas na política, menos de 15% dos cargos eletivos são ocupados pelo sexo feminino, mesmo elas sendo a maioria da população no Brasil.

As desigualdades de gênero materializam-se também na experiência das mulheres sob a forma de violências, em 2019 houve 3.737 mulheres assassinadas no Brasil, isso equivale a 3,5 vítimas para cada 100 mil habitantes (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2021), estes números representam a taxa de feminicídios no país, a prática do homicídio motivada pela pertença de gênero da vítima. No entanto, observa-se em 2022 a elevação da frequência de todas as formas de violência contra a mulher no Brasil, como agressões verbais, físicas, psicológica, sexual e múltiplas formas de controle comportamental executadas por parceiros íntimos (FBSP, 2022). Todos estes aspectos definem o estereótipo de gênero operado sob um conjunto de pressões no âmbito das relações sociais continuamente direcionadas as mulheres para regular a conformação social das mesmas, por mecanismos de controle e coação diversos, os quais produzem efeitos sobre a saúde mental das mulheres, estando relacionados a prevalência de sintomas psicopatológicos e configuração da própria experiência de sofrimento psíquico em função do gênero (ZANELLO; FIUZA; COSTA, 2015).



Por outro lado, a cultura da estética perfeita provoca diversos problemas relacionados com a autoimagem e, apesar de, atingir a homens e mulheres, a cobrança estética ainda é maior para o sexo feminino. Ser feminina e sexualmente atraente, traz para a mulher uma grande responsabilidade que está relacionada a cultura milenar inserida na subjetividade feminina de que precisam atrair um homem e ter sua aprovação, caso contrário, a missão terá sido um fracasso. Essa construção do corpo feminino é uma idealização masculina (ZANELLO, 2018). A internet é uma ferramenta que permite o acesso a informação de forma rápida de qualquer parte do mundo e quando falamos de beleza, as tendências se espalham pelo mundo trazendo mais um artifício de como se chegar aos padrões físicos e corporais “perfeitos”.

Segundo Loss, Guerra e Souza (2021) as mulheres têm maior descontrole no uso da internet do que homens, o que justifica também a maior participação delas nas redes sociais, além disso, o uso descontrolado da internet se relaciona com a autoconsciência ruminativa, pois a depressão, ansiedade, isolamento, problemas de relacionamento interpessoal e dificuldade em cumprir tarefas são problemas presentes nos dois construtos. Podemos dizer que a internet é um dispositivo autofocalizador e estressor capaz de provocar afeto negativo, pois as informações disponibilizadas como: padrões de beleza, comportamento, estilo de vida e outros, provocam o espelhamento do self. As fotos e vídeos disponibilizados nas redes sociais e em outras páginas da web sofrem edições, eliminando boa parte da realidade, trazendo para os olhos dos outros uma perfeição que não existe na realidade. Essa cadeia de perfeição cria uma cadeia de repetição. O espelhamento do self diz respeito a comparação que se faz do real com o ideal. A cobrança por um corpo ideal pode acarretar a elevação de formas de autoconsciência ruminativa, na medida em que as imagens do self funcionam como dispositivos autorrefletores (MORIN, 2004), devendo também, pelos efeitos desadaptativos da ruminação abrir uma janela de vulnerabilidade para o desenvolvimento de transtornos psicológicos, provocado pela exposição contínua a esta cobrança de perfeição estética.

Segundo pesquisas de Bonfim, Nascimento e Borges (2016) as mulheres apresentam maiores índices de transtorno dismórfico corporal (TDC) em comparação com o sexo masculino. Os stories no Instagram mostram pessoas felizes e sorridentes em momentos aparentemente perfeitos, porém, muitas vezes não condizem com a realidade. Esses Stories servem como padrão para a próxima festa, próxima roupa que irá vestir, próximo procedimento estético e para o próximo stories que irá postar. Segundo Morin (2004) estamos, o tempo todo,



sendo expostos a estímulos autofocalizadores de natureza social, ecológico ou cognitivo capazes de nos tornar autoconscientes. Quando há a exposição por muito tempo a esses processos de autofoco e parametrização continua com as discrepâncias, acontece um estado aversivo e disfuncional do autofoco e isso está diretamente relacionado a quadros psicológicos. (SILVA JUNIOR, 2019). A internet é um advento contemporâneo que demanda o compartilhamento de imagens e vídeos o que permite que se crie uma variedade de espelhamentos do self e análise reflexiva com grande tendência a desencadear autoconsciência (MILLER et al., 2017; NIELSEN, 2017).

Em termos de dinâmicas psicológicas as mulheres exibem os maiores índices de transtornos mentais comuns (TMC) e considerando a condição de ser mulher no Brasil, a desigualdade de gênero e a violência, estão entre as causas principais (SENICATO, AZEVEDO E BARROS, 2018). Diante de todos esses fatores, o funcionamento psíquico pode sofrer alterações significativas que comprometem a saúde mental. Essas alterações se apresentam na forma como a pessoas se percebem em meio a esse cenário, em meio a tantas cobranças. Olhar-se no espelho e se achar feia, gorda, está diante de pessoas e achar que estão lhe reprovando, ser criticada são aspectos que fazem com que o foco atencional se volte para si, faz com que a pessoa se torne autoconsciente. (NASCIMENTO, JUNIOR, JUNIOR E ROAZZI, 2020).

Algumas pesquisas científicas, observaram que mulheres são mais autoconscientes que os homens, por esse motivo, compreendemos a importância de estudar os fatores que contribuíram para esse resultado (NOLEN-HOEKSEMA, WISCO E LYUBOMIRSKY, 2008; ZANON, 2009; MOURA, 2017; BEZERRA, SIQUARA, ABREU, 2018; SILVA JUNIOR, 2019; LOSS, GUERRA, SOUZA, 2021). Assim, podemos neste estudo destacar uma perspectiva generificada de interpretação da autoconsciência e de sua relação com o desenvolvimento de transtornos mentais a partir da compreensão das condições de existência das mulheres no Brasil. Neste contexto, as mulheres são submetidas as normativas do sistema sexo-gênero socialmente construídas para o feminino que as insere em uma complexa rede de opressões e desigualdades perante aos homens. Em primeiro plano a submissão ao machismo enquanto crença estruturante de nossa sociedade que sustenta a superioridade masculina fomentando a distinção e a desigualdade de direitos e deveres entre gêneros, privilegiando os homens em detrimento das mulheres, configura por si só uma violência estrutural contra as



mulheres na medida em que são inferiorizadas no conjunto das relações de poder de nossa sociedade (SILVA et al, 2020).

O sistema sexo-gênero também irá modular e produzir ideais de gênero impostos as mulheres nucleados a: renúncia sexual no sentido de contenção da sexualidade e priorização dos papéis de dona de casa, esposa, mãe e dedicação as tarefas de cuidado dos outros; a traços de caráter relacional que incluem amorosidade, a docilidade, e ao beleza estética marcada por um padrão lipofóbico e prescrevendo o dever as mulheres de serem belas, pressionadas aos cuidados estéticos contínuos para serem atrativas para os homens (ZANELLO, GOMES 2010). Em oposição os ideais de masculinidade definem para os homens qualidades como virilidade através do exercício ativo da sexualidade e a produtividade laboral. Para mulheres e homens estes ideais materializam-se pelo e exercício contínuo de controle, supervisão e diferentes formas de regulação para a conformações de gênero produzido no seio das relações sociais.

Para as mulheres, que submetidas e inferiorizadas pelos homens em termos de relações de poder, as formas de regulação de gênero concretizam-se em um espectro complexo e variado de práticas e ações que empurram, coagem e punem o exercício da autonomia feminina fora dos ideais prescritos para a “verdadeira mulher”. Variando desde microagressões, hostilidade, injurias breves, insultos, humilhações, constrangimentos, preconceito, discriminação, invalidação, invisibilização até formas graves de violência física e feminicídio com efeitos para a produção de sofrimento em mulheres, para Zanello e colaboradores (2015) isto constitui uma forma de violência estrutural. Consideramos que estas múltiplas formas de controle e regulação do feminino atuem como desencadeadores da autoconsciência já que a exposição repetida a avaliações sociais, julgamentos alheios e confrontação com ideais de self tenham efeitos intensificadores sobre o autofoco.

As microagressões são exemplos de estressores que contribuem para o prejuízo da saúde mental das mulheres. Diferente das agressões que são caracterizadas por atitudes e comportamentos intencionais com o objetivo de ferir o próximo, as microagressões são sutis, por muitas vezes imperceptíveis e geralmente fazem parte de um contexto onde os comentários racistas, machistas, xenofóbicos, misóginos, entre outros, estão presentes culturalmente (KAUFMAN, BAAMS, DUBAS, 2017). Quem nunca ouviu as expressões “só podia ser uma mulher”, “não faça isso, pois é coisa de homem” quando acontece algo reprovável, no trânsito, em atividades que por muito tempo só eram desempenhadas por homens. Esses são exemplos



de microagressões que por muitas vezes passam despercebidos e são tidas como expressões normais. Segundo Chair, Dudley e Segrist (2015, p. 1) “*Microagressões são ocorrências cotidianas, muitas vezes não intencionais, que comunicam mensagens ambíguas e negativas aos indivíduos com base em sua participação em um grupo marginalizado*”, enquanto as microagressões de gênero referem-se a estas ocorrências em relação a indivíduos que se identificam como mulher expressando formas sutis de preconceitos em função da sua identidade de gênero.

Muitas pesquisas trazem a microagressão no contexto racial e étnico, no entanto, entende-se que qualquer classe marginalizada pode sofrer com esse preconceito velado. As mulheres, por exemplo, constantemente sofrem microagressões por meio de linguagem sexista, por diferentes formas de objetificação do corpo feminino, ao coloca em posição inferior, intelectualmente e fisicamente, além de ter tratamento diferenciado no trabalho. As classes marginalizadas podem sofrer prejuízos na saúde mental. Uma das consequências das microagressões de gênero são: transtornos alimentares, vergonha da cor, disfunção sexual, entre outras formas de sofrimento (CHAIR, DUDLEY E SEGRIST, 2015).

As microagressões podem ser divididas em microataques, microinsultos e microinvalidações. Os microataques são agressões mais perceptíveis que tem como objetivo machucar o próximo. As formas de agredir podem ser verbais ou não-verbais, ou seja, por meio de insultos ou por meio de símbolos direcionados as classes marginalizadas. Um exemplo importante de ser citado são as situações em que mulheres sofrem insultos como: você é uma “vagabunda”, “piranha”, “puta”, “vadia”. Os Microinsultos também podem ser verbais e não-verbais, no entanto, quem o pratica não tem noção de que se trata de uma agressão, e muitas vezes são feitas com o objetivo de elogiar, como por exemplo, “você é uma mulher que dirige muito bem”. Esse exemplo que soa como elogio representa uma separação entre homens e mulheres, onde as mulheres são postas em posição inferior aos homens. A última forma de microagressão é a microinvalidação que também pode ser verbal e não-verbal, no entanto acontecem ao desvalorizar, invalidar e negar alguém por sua pertença de gênero, raça ou a outra classe marginalizada. Acontecem muitas vezes sem perceber que se trata de uma agressão. Um exemplo bem interessante pode ser percebido quando expressões como “aqui nesse ambiente você para mim é homem”, soa com a intenção de desigualdade gênero, no entanto representa a separabilidade e desvalorização da mulher (SUE et al, 2007; BOLTE, 2015).



Segundo revisões de Bolte (2015) a exposição frequente a estas formas de microviolências afetam a saúde da mulher em múltiplos aspectos com efeitos cumulativos para intensificar as experiências de sofrimento e possível desenvolvimento de transtornos mentais, neste sentido também é plausível supor que o efeito continuado destas microagressões esteja associado a elevação da autoconsciência ruminativa na medida em que deslocamento do foco atencional sobre os autoaspectos que compoem a identidade da mulher na comparação com o referencial de suposta superioridade masculina deve permitir a identificação de discrepâncias e emergência do afeto negativo.

A psiquiatria em seus manuais de diagnósticos tem, historicamente, invisibilizado os efeitos dos condicionantes sociais na produção de transtornos mentais comuns (ansiedade, depressão e outros) prevalentes em mulheres reduzindo suas explicações a efeitos biológicos e a frequência de contato das mulheres com os sistemas de saúde (ZANELLO, SILVA, 2012). É possível que as condições de existência das mulheres historicamente construída e operada pelo sistema sexo-gênero de nossa sociedade tenha efeito causais para o desenvolvimento de transtornos mentais na medida em que produz violência estrutural e sofrimento, devendo interseccionar-se não só com a condição de gênero, mas com outros marcadores como raça, classe e escolaridade.

Assim, este projeto advoga uma interpretação engendrada da autoconsciência, considerando as múltiplas opressões estruturais a que as mulheres são submetidas, é plausível supor que os sistemas autoatencionais sejam continuamente mobilizados diante das pressões sociais que as impelem para o ideal de mulher e limitam o exercício pleno de sua autonomia, pode-se supor que por estarem situadas perante a violência estrutural produtora de sofrimento a ruminação seja a forma de autofoco aversivo intensificada abrindo uma janela de vulnerabilidade ao desenvolvimento de sintomas psicopatológicos e o desenvolvimento de transtornos mentais comuns o que implica deslocar as explicações de um ponto de vista biologizante, por que redutor, para uma compreensão sócio-histórica dos elevados índices de autofoco e de transtornos mentais comuns em mulheres.

Diante disso, o objetivo deste estudo é investigar a autoconsciência e suas relações sintomas psicopatológicos e microagressões de gênero em mulheres quando comparadas aos homens. Além disso, os objetivos específicos são: Descrever os níveis de sintomas psicopatológicos em grupos de homens e mulheres; Avaliar os relacionamentos da



Autoconsciência com sintomas psicopatológicos em grupos de homens e mulheres; Avaliar os relacionamentos da Autoconsciência com as microagressões de gênero em grupos de mulheres residentes; Comparar os níveis de ruminação e sintomas psicopatológicos em grupos de homens e mulheres; Avaliar os relacionamentos entre sintomas psicopatológicos com as microagressões de gênero em grupos de mulheres.

Considerando que no Brasil há poucas investigações da autoconsciência, o presente estudo é inédito na medida em que as populações de mulheres são historicamente vulnerabilizadas e vítimas de inúmeras desigualdades nos diversos âmbitos da vida social e sobretudo vitimizadas pelo preconceito e discriminação em função da pertença identitária de gênero. Este estudo é de natureza exploratória e os resultados esperados são descritos, seguindo os cânones acadêmicos dos estudos quantitativos, a partir das seguintes hipóteses: H1- Autoconsciência ruminativa possivelmente deve apresentar correlações positivas com todos os sintomas psicopatológicos; H2- Autoconsciência ruminativa deve estar elevada em mulheres em comparação aos homens; H3- Os níveis de sintomas psicopatológicos possivelmente devem estar elevados em mulheres em comparação aos homens. H4- Os índices de microagressões de gênero devem apresentar correlações positivas com autoconsciência ruminativa; H5- Os índices de sintomas psicopatológicos entre mulheres devem apresentar correlações positivas com os níveis de microagressões de gênero.

Este estudo torna-se relevante por buscar descrever, em caráter exploratório a autoconsciência em mulheres em comparação aos homens, sobretudo os índices de ruminação, contribuindo para a formulação intervenções psicológicas sobre a autoconsciência no sentido de remediar os níveis de ruminação e aumentar os níveis de tipos funcionais de autoconsciência atenuando a vulnerabilidade a sintomas psicopatológicos. Também por descrever a prevalência de sintomas psicopatológicos na relação com as microagressões em amostras de mulheres. Além de contribuir para a formulação de políticas públicas em saúde mental que busquem implementar ações contemplando a atenuação dos efeitos psicológicos do preconceito, discriminação e microagressões sobre as mulheres.

MÉTODO

Para alcançar o objetivo proposto realizamos um estudo com um delineamento de tipo *ex-post-facto*, quantitativo e transversal. Uma pesquisa *ex-post-facto* é uma pesquisa de campo



que tem como característica explorar as possíveis causas de fenômenos ocorrido anteriormente (FONSECA, 2002).

Participantes

A amostra foi composta por 224 pessoas, estudantes universitários com idades de 18 a 60 anos com média de 36,6 (DP: 9,0). Em relação a identidade de gênero participaram 63% de mulheres cis, 1,8% de mulheres trans, 1,8% de pessoas não binárias e 33,4% de homens cis. Quanto a orientação sexual 80,8% declararam-se heterossexuais, 4,9% homossexuais, 2,7% bissexuais e 1,3% pansexuais, deste modo 8,9% dos participantes declararam-se não-heterossexuais. Sobre o perfil de escolaridade 24% já tem uma graduação concluída e 23,7% têm pós-graduação concluída. Em relação a renda 52,7% relatou renda de até 3.000 reais. Em relação a cidade de residência 86,6% da amostra vive na região metropolitana do Recife-PE e 13,4% em cidades do Agreste e Zona da mata pernambucana. Em relação ao quesito cor/raça, pretos e pardos somam 62,6% dos participantes, brancos 33,8% e amarelos 3,6%.

Quanto a inserção em relacionamentos amorosos 51,9% da amostra declarou estar em um relacionamento amoroso, enquanto 51% relataram ter filhos. Entre as mulheres 51% declarou ter sofrido violência por ser mulher e destas 24% afirmaram já terem sofrido violência cometida por um parceiro amoroso. Enquanto entre os homens 54% relataram já terem se percebido com atitudes machistas, 2,6% relataram já terem sido acusados de cometer violência contra mulher e 5,3% declaram já terem cometido violência contra mulheres.

Sobre os indicadores de saúde observamos que 26% participantes declararam possuir algum problema de saúde atualmente, 28,6% declararam possuir algum transtorno mental diagnosticado, com maior frequência para ansiedade e depressão. Quanto ao uso de alguma medicação psiquiátrica 16,5% participantes informaram fazer uso. Verificamos que somente 2,7% da amostra informaram possuir doença neurológica.

Instrumentos

Questionário de Ruminação-Reflexão - QRR: Composto por 24 itens que avaliam as diferenças individuais na capacidade cognitiva de autofoco enquanto um traço (disposicional), formada pelos fatores: ruminação e reflexão, com índice de consistência interna alfa de *Cronbach* de .87 para o fator ruminação única dimensão da autoconsciência avaliada neste



estudo. Este instrumento foi validado no Brasil por Zanon e Teixeira (2006), a partir da escala original de Trapnell e Campbel (1999). Apresenta itens como: “*Eu sempre pareço estar remoendo, em minha mente, coisas recentes que eu disse ou fiz*” (Ruminação), respondidos em uma escala Likert de 5 pontos variando de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

Escala de Avaliação de Sintomas – 40 (EAS-40): Consiste em uma escala para avaliação de sintomas psicopatológicos, adaptada do Symptom Checklist-90-Revised (SCL-90-R, Derogatis, 1994) por Laloni (2001). É composta por 40 itens que avaliam quatro dimensões de sintomas: psicoticismo, obsessividade-compulsividade, somatização e ansiedade. A avaliação da intensidade do sintoma é feita por meio de uma escala Likert de 0 = nenhum, 1 = pouco, 2 = muito. Oferece o Índice de Severidade Global, um escore geral que representa o nível atual e a intensidade dos sintomas. A EAS-40 tem demonstrado bons índices de consistência interna variando de .73 a .88 neste estudo.

Escala de Microagressões de Gênero: Consiste em uma escala para avaliar a frequência de microagressão sofrida em um determinado período de tempo. É avaliado a partir de 6 dimensões: Cidadania de Segunda Classe/Suposição de inferioridade refere-se a ocorrências de tratamento preferencial dos homens na presença de mulheres, inclui também menções em que a mulher é colocada em posição inferior aos homens física e intelectualmente; Linguagem Sexista refere-se a ocorrências de microagressões em que a mulher é hostilizada verbalmente com base apenas em sua identidade de gênero; Objetificação sexual trata de ocorrências de sexualização da mulher para o prazer dos homens, posicionando a mulher como objeto; Suposição de papéis tradicionais de Gênero: a qual descreve ocorrências nas quais uma mulher é assumida se envolver em atividades que tradicionalmente vivenciadas pelo gênero feminino como, por exemplo, as atividades de cuidado; Negação do Sexismo indica ocorrências em que o sexismo é negado quando confrontado por uma mulher e Microagressões ambientais designa formas sutis de microagressões de gênero presentes no entorno, como, por exemplo, a presença de imagens objetificadoras de mulheres na propaganda.. A medição é feita a partir de uma escala Likert de 5 pontos (nunca, raramente, às vezes, frequentemente, sempre). Essa escala foi traduzida e adaptada para este estudo a partir do estudo de validação de Bolt (2015), obtendo-se índices de consistência interna alfa de *Cronbach* variando de .72 a .86, no entanto as dimensões negação do sexismo e microagressões ambientais não apresentaram bons índices de consistência.



Questionário sociodemográfico: Consiste de um protocolo contendo questões acerca de informações como gênero, idade, grau de instrução, local de residência, nível de renda e estado de saúde, especificamente serão propostas questões sobre o histórico pessoal e familiar de transtornos mentais e problemas neurológicos, bem como o histórico de uso de substâncias psicoativas do participante no dia ou semana do experimento.

Procedimentos

Os participantes foram recrutados em centros universitários públicos e privados, por meio da rede social WhatsApp em grupos de alunos de diversos cursos de graduação e residentes na região metropolitana do Recife e circunvizinhas. O convite para participação foi feito on-line via aplicativo Whatzapp. Os instrumentos foram enviados na forma de formulário on-line sendo uma versão para as mulheres que incluía todos os instrumentos e uma versão para os homens que não continha a escala de microagressão de gênero. Na ocasião foram informados sobre a natureza do estudo, seus objetivos, procedimentos, riscos e benefícios, e sobre a guarda e sigilo das informações prestadas. Além disso, nos formulários distribuídos continham o Questionário de Ruminação-Reflexão – QRR, Escala de Avaliação de Sintomas – 40 (EAS-40), Escala de Microagressões de Gênero, Questionário sociodemográfico. A coleta de dados foi iniciada após a aprovação do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Mauricio de Nassau- UNINASSAU (parecer UNINASSAU nº 5.574.102). A participação no estudo foi condicionada a assinatura do termo de consentimento livre esclarecido.

RESULTADOS

As análises foram organizadas inicialmente para investigar as correlações da ruminação com os outros construtos na amostra investigada. Verificou-se, segundo apresenta-se na Tabela 01, que a Ruminação apresentou correlações positivas, de fracas a moderadas, com todos os fatores da escala de avaliação de sintomas (EAS), com o fator Somatização apresentou correlação positiva e significativa de $r: 0,39$, $p = 0,001$, com o fator Obsessão-compulsão apresentou correlação positiva e significativa de $r: 0,56$, $p = 0,001$, com o fator Psicoticismo apresentou correlação positiva e significativa de $r: 0,60$, $p 0,001$ e demonstrou correlação



positiva e significativa de ansiedade $r: 0,48, p = 0,001$, sendo a maior correlação observada com o fator Psicoticismo. Também verificou-se que a presença de diagnóstico de transtorno mental apresentou correlação positiva com a ruminação $r: 0,29 p = 0,001$. O conjunto destes achados confirmam a hipótese 1 deste estudo.

Tabela 01. Correlações entre Ruminação e as dimensões da Escala de avaliação de sintomas - EAS-40

Dimensões do EAS-40	Ruminação	
	<i>R</i>	<i>P</i>
Somatização	0,39	0,001
Obsessão	0,56	0,001
Psicoticismo	0,60	0,001
Ansiedade	0,48	0,001

A avaliação das diferenças entre grupos obtidas pelo teste de U de Mann-Whitney em função do gênero para o fator ruminação revelou que as mulheres apresentaram níveis significativamente mais elevados de ruminação ($M = 1,07, z = -3,022, p = 0,003$) em comparação com os homens ($M = 0,82$), segundo os resultados apresentados na Tabela 02, resultado que confirma a hipótese 2 deste estudo. Entre o grupo de mulheres a ruminação também apresentou correlação com relato de experiência prévia de violência do tipo psicológica cometido por parceiros amorosos no valor de $r: 0,18, p = 0,039$. E em relação as variáveis sociodemográficas a ruminação ainda apresentou correlação negativa com a renda no valor de $r: -0,22, p = 0,001$.

Para o acercamento da hipótese 3 avaliou-se as diferenças de gênero para os fatores da escala de avaliação de sintomas (EAS-40) pelo teste de U de Mann-Whitney o que revelou que as mulheres apresentaram médias significativamente superiores quando comparadas as médias dos homens para todos os sintomas psicopatológicos investigados, confirmando a referida hipótese, sendo a maior média encontrada entre as mulheres na dimensão ansiedade segundo resultados apresentado na Tabela 02.



Tabela 02. Teste de U de Mann-Whitney para avaliação das diferenças de gênero na ruminação e nas dimensões da Escala de avaliação de sintomas (EAS-40).

	Médias Mulheres	DP	Médias Homens	DP	Z	P
Ruminação	107,35	,74	82,03	,76	-3,022	0,003
Somatização	108,60	,46	79,89	,43	-3,431	0,001
Ansiedade	113,77	,47	71,06	,42	-5,170	0,001
Psicoticismo	110,17	,47	77,20	,48	-5,170	0,001
Obsessão	110,24	,45	77,09	,48	-3,960	0,001

A Ruminação também apresentou correlações positivas e significativas com os fatores da escala de microagressões de gênero apresentados na Tabela 03. Com o fator Cidadania de Segunda Classe/Pressupostos de Inferioridade verificou-se correlação positivas e significativa de $r: 0,20$, $p = 0,023$, com o fator Linguagem Sexista observou-se correlação positivas de $r: 0,29$, $p = 0,001$, com o fator Objetificação Sexual apresentou correlação de $r: 0,36$, $p = 0,000$ enquanto com o fator Suposições de Papéis de Gênero Tradicionais a correlação foi no valor de $r: 0,26$, $p = 0,002$. Assim, estes resultados corroboram a hipótese 4 deste estudo.

Tabela 03. Correlações entre Ruminação e as variáveis da Escala de Microagressão de Gênero.

Dimensões da Escala de Microagressão de Gênero	Ruminação	
	<i>r</i>	<i>p</i>
Cidadania de segunda classe/pressupostos de inferioridade	0,20	0,023
Linguagem sexista	0,29	0,001
Objetificação sexual	0,36	0,001
Suposição de papéis de gênero tradicionais	0,26	0,001

Na Tabela 04 apresentamos as correlações obtidas entre os sintomas psicopatológicos e os fatores da escala de microagressões de gênero, observando que enquanto o fator somatização apresentou correlação significativa positiva só com o fato Cidadania de Segunda Classe/Pressupostos de Inferioridade no valor de $r: 0,26$, $p = 0,010$, o fator Obsessão-compulsão apresentou correlações significativas positivas com o fator Cidadania de Segunda



Classe/Pressupostos de Inferioridade no valor de $r: 0,25$, $p = 0,004$, com o fator Linguagem Sexista no valor de $r: 0,24$, $p = 0,005$, com o fator Objetificação Sexual no valor de $r: 0,28$, $p = 0,001$, com o fator Suposições de Papéis de Gênero Tradicionais no valor de $r: 0,17$, $p = 0,050$.

O fator Psicoticismo apresentou correlações significativas positivas com todos os fatores da escala de microagressão de gênero, isto é, com o fator Cidadania de Segunda Classe/Pressupostos de Inferioridade no valor de $r: 0,24$, $p = 0,005$, com o fator Linguagem Sexista encontrou-se correlação de $r: 0,23$, $p = 0,009$, com o fator Objetificação Sexual a correlação encontrada foi no valor de $r: 0,25$, $p = 0,003$ e com o fator Suposições de Papéis de Gênero Tradicionais a correlação foi de $r: 0,19$, $p = 0,032$.

Quanto ao fator Ansiedade uma relação significativa positiva observa-se com o fator Linguagem Sexista ($r: 0,19$, $p = 0,027$), e com o fator Objetificação Sexual ($r: 0,25$, $p = 0,004$). O conjunto destes achados indicam associações positivas entre sintomas psicopatológicos e microagressões de gênero confirmando parcialmente a hipótese 5 uma vez que nem todas as dimensões da escala de avaliação de sintomas apresentaram correlações cruzadas com os fatores de microagressão.

Tabela 4. Correlações entre os sintomas psicopatológicos avaliados pela EAS-40 e as variáveis da Escala de Microagressão de Gênero.

Dimensões da Escala de Microagressão de Gênero	Somatização		Obsessão		Psicoticismo		Ansiedade	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
Cidadania de segunda classe/pressupostos de inferioridade	0,26	0,010	0,25	0,040	0,24	0,005	0,17	0,430
Linguagem sexista	0,14	0,090	0,24	0,005	0,23	0,009	0,19	0,027
Objetificação sexual	0,16	0,064	0,28	0,001	0,25	0,003	0,25	0,004
Suposição de papéis de gênero tradicionais	0,12	0,160	0,17	0,050	0,19	0,032	0,11	0,180

DISCUSSÃO

Ser autoconsciente é estar atento a si mesmo, é a capacidade de se perceber, de se observar e a partir disso, se autoavaliar. (NASCIMENTO, PAULA E ROAZZI, 2017). A ruminação é a característica do autofoco capaz de provocar pensamentos repetitivos e por



muitas vezes depreciativos, de natureza aversiva e comumente acompanhada de afetos negativos. Os resultados identificados neste estudo foram de grande importância por serem semelhantes a outras pesquisas que concluíram que as mulheres pontuam mais que os homens em ruminação (NOLEN-HOEKSEMA, WISCO E LYUBOMIRSKY, 2008; ZANON, 2009; MOURA, 2017; BEZERRA, SIQUARA, ABREU, 2018; SILVA JUNIOR, 2019; LOSS, GUERRA, SOUZA, 2021). O que nos leva a refletir sobre como a sociedade, ainda guiada pelos dogmas e machismo e do patriarcado, influenciam na forma como as mulheres constroem a visão do mundo, de si e do outro, repleto de padrões, obrigações e restrições que roubam a liberdade e autonomia feminina e colocam no lugar uma versão controlada de ser no mundo. Os homens, por outro lado, por não sofrerem tantas pressões quanto as mulheres, vivem uma vida muito mais confortável e despreocupada em relação aos padrões sociais, colocando-se em um lugar de julgamento físico e moral das mulheres (ZANELLO, 2018). Essas características socioculturais que permeiam o ser homem e o ser mulher, são estressores que influenciam de forma significativa no processo ruminativo em mulheres que, por sua vez, influenciam no adoecimento psíquico.

Estes achados confirmam a hipótese principal deste estudo, de que Autoconsciência ruminativa deve estar elevada em mulheres em comparação aos homens, e somam evidências para a compreensão de que as formas de socialização das mulheres em nossa sociedade, que submetidas a toda uma rede de opressão que passa por desigualdades diversas e violência estrutural, modulam o desenvolvimento de formas perseverativas e repetitivas de autoconsciência, como a ruminação, com efeitos para abrir uma janela de vulnerabilidade para o desenvolvimento de quadros psicopatológicos, uma vez que está sedimentado na literatura que a ruminação é um fator transdiagnóstico e preditor de transtornos mentais (SILVA JUNIOR, 2019).

Os achados deste estudo sugerem que a escala de avaliação de sintomas - EAS-40 sob as dimensões psicoticismo, obsessividade-compulsividade, somatização e ansiedade apresentam correlação com a ruminação em todas as dimensões, sendo que o maior índice é na dimensão psicoticismo. Resultado semelhante foi identificado por Silva Junior (2019), no entanto, a maior correlação foi com a dimensão obsessividade-compulsividade. Além disso, tendo em vista que diversas pesquisas concluíram que as mulheres ruminam mais que homens, chegamos à conclusão que isso está diretamente relacionado aos altos índices de psicopatologia



em mulheres. Cruz, Ortiz, Martínez e Sánchez (2017) em sua pesquisa realizada com amostras mexicanas, identificaram que ao correlacionar ruminação e depressão, chegaram ao resultado que há correlação entre os construtos e que as mulheres pontuaram mais que homens. Baptista, Baptista e Oliveira (1999) lançara a pergunta do porquê as mulheres deprimem mais que homens e sua conclusão vem pautada de diversas hipóteses relacionadas ao social e ao biológico, onde socialmente a mulher é colocada de forma inferior ao homem, cheia de obrigações para com o lar, a família e trabalho, entre outros, e biologicamente uma série de hormônios que podem provocar flutuação no humor. Zanon e Teixeira (2009) também confirmam que amostras de mulheres brasileiras ruminam mais que homens e níveis elevados de ruminação estão relacionados a depressão futura.

As associações da ruminação com sintomas psicopatológicos encontradas neste estudo também corroboram os achados de Silva Junior (2019) em amostras adolescentes e adultos pernambucanos e põe em evidência a natureza da ruminação enquanto uma forma de autoconsciência que emerge cognitivamente motivada por medo, frustrações ameaças e dúvidas que desenrolam-se num fluxo de autoobservação permeado por pensamentos repetitivos sobre o self que perseveram e ocupam o fluxo da autoconsciência por longos períodos, portanto inflexível, inundando a experiência com afeto negativo que por sua manutenção prolongada no deve implicar na produção de sintomas psicopatológicos e instalação de transtornos mentais.

Os baixos índices de ruminação apresentados pelo grupo do sexo masculino, podem nos levar a pensar que a relação com os sentimentos e estilo de enfrentamento de situações estressoras pelos homens podem estar ligados aos números encontrados. Os homens consomem mais bebidas alcoólicas do que as mulheres e isso pode estar relacionado ao nível de autoconsciência que eles experienciam, onde ao estar diante se situação estressoras apresentam comportamentos minimizadores do problema. As variáveis autoconsciência e consumo de álcool são indiretamente proporcionais, ou seja, quanto menos autoconsciente maior é o consumo de álcool e quanto maior o nível de autoconsciência menos o consumo de álcool. O álcool funciona para diminuir os desconfortos usado como uma estratégia de *coping* disfuncional por meio da qual busca-se escapar da autoconsciência ruminativa (LEAL, 2017). No entanto, a investigação das relações entre autoconsciência, sintomas psicopatológicos e processos de socialização de gênero entre homens precisa ser aprofundada buscando descrever



os efeitos da adoção de atitudes machistas e misóginas sobre as figurações da autoconsciência e da saúde mental deste grupo.

Tendo em vista que as microagressões são representações sutis, verbais e não-verbais de preconceito, a presente pesquisa ao correlacionar as microagressões à ruminação em mulheres, constatou que há influência mútua entre elas. Kaufman, Baams e Dubas (2017) em sua pesquisa relatam que as microagressões são estressores e provocam em jovens de minorias sexuais à ruminação como resposta emocional e esses preconceitos. Além disso, essas respostas tornam estas populações mais vulneráveis ao desenvolvimento de problemas psicológicos. Apesar de não citarem diretamente as microagressões, alguns autores, como Baptista, Baptista e Oliveira (1999), Ortiz, Martínez e Sánchez (2017) explicam que a ruminação e o adoecimento psicológico estão relacionados as opressões sofridas pelas mulheres na sociedade, com uma série de proibições e padrões a serem seguidos, colocando-as sempre em posição inferior aos homens. Tudo isso vem representado por microagressões, no momento em que o salário é menor que os dos homens, no momento em que há uma cobrança pelo enquadramento a padrões de beleza, de comportamento, de atratividade estética, entre outros.

Os sintomas psicopatológicos (Somatização, ansiedade, psicoticismo e obsessão) e os fatores da escala de microagressões (Cidadania de segunda classe/pressupostos de inferioridade, linguagem sexista, objetificação sexual, suposição de papéis de gênero) apresentaram correlação positiva em quase todas as dimensões. Esses achados reforçam que as microagressões tem implicações para a saúde mental das mulheres. As microagressões são relatadas por alguns autores como preditores de depressão, ansiedade, transtornos alimentares, hipertensão, problemas cardiovasculares entre outros (KAUFMAN, BAAMS E DUBAS, 2017; CHAIR, DUDLEY E SEGRIST, 2015; MARTINS, LIMA E SANTOS, 2020).

Não identificamos em nenhuma base acadêmica estudos que correlacionem microagressões com a autoconsciência ruminativa o que torna este achado inédito nos anais de pesquisa científica. Assim, as microagressões de gênero aqui são tomadas como índices da violência estrutural a que as mulheres são submetidas no Brasil (ZANELLO, 2018) materializam-se na experiência das mulheres por um série de microataques, microinsultos e microinvalidações com potencial efeito estressor e traumático que a depender da frequência de exposição e do impacto traumático devem ter efeitos para desencadear a autoconsciência na medida em que constituem formas de avaliação e comparação social como postula Morin



(2004), neste caso a ruminação deverá ser o caminho autoavaliativo, na medida em que as microagressões de gênero são formas sutis de violência que ameaçam e põe em dúvida a identidade de gênero da mulher no confronto com um ideal de mulher estereotipado e prescrito pelo machismo no jogo assimétrico das relações de poder direcionando a atenção para as dimensões do self feminino enquanto inferiorizadas, subjugadas e distantes do ideal de mulher, esta discrepância deve produzir uma série de afetos negativos que suportam pensamentos perseverantes nucleados a questionamentos da mulher sobre suas habilidades e competências em variados âmbitos de sua vida por longos períodos do tempo de modo que o estresse continuado desta experiência deve produzir doses de sofrimento psíquico.

Compreende-se que a saúde mental resulta da confluência de múltiplos fatores biológicos, psicológicos e sociais que interagem de maneira complexa e depende do equilíbrio dinâmico das interações com os outros (ALVES E RODRIGUES, 2008) estes resultados acerca dimensões psicológicas e socioculturais evidenciando o efeito de estressores sociais e psicológicos na produção de alterações emocionais negativas e na saúde mental de mulheres, cabe considerar que historicamente as ciências médicas reduzem a saúde mental de mulheres a explicações biológicas em torno de oscilações hormonais e desconsideram os fatores socioculturais e os processos psicológicos associados.

Apesar deste estudo apresentar confirmação parcial ou total das hipóteses testadas, podemos elencar algumas limitações. Considerando a natureza exploratória, correlacional e transversal do estudo não podemos fazer afirmações causais sobre os efeitos da ruminação e das microagressões sobre os sintomas psicopatológicos o que ressalta a necessidade de delineamentos longitudinais em pesquisas futuras. Outra limitação refere-se a avaliação de somente um tipo de autoconsciência, a pesquisa futura deverá outras formas de autofoco, bem como delimitar o papel específico das discriminações de gênero na produção da autoconsciência. Por fim, nesta pesquisa não contemplamos análise interseccionais incluindo raça e orientação sexual, sugere-se que investigações futuras devam avaliar os efeitos das discriminações sofridas pelas diversas minorias sobre a autoconsciência na relação com indicadores psicopatológicos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa forneceu evidências de relacionamentos entre autoconsciência ruminativa, sintomas psicopatológicos e microagressões de gênero entre mulheres na comparação com homens, corroborando em uma amostra brasileira que a ruminação deve ter efeitos para o desenvolvimento de vulnerabilidade a psicopatologia de maneira diferencial entre homens e mulheres. As mulheres, neste estudo, são mais ruminativas do que os homens, além de apresentarem maiores índices comparativos de sintomas psicopatológicos. Verificou-se associações das microagressões de gênero com a ruminação e os sintomas psicopatológicos evidenciando as formas de socialização de gênero em nossa sociedade que impõe um panorama de violência estrutural contra as mulheres com efeitos para saúde mental das mesmas. Estes achados destacam a importância de desenvolvimento de estratégias de intervenção, promoção e prevenção em saúde mental que considerem os efeitos aversivos das microagressões de gênero sobre processos cognitivos gerais, como a autoconsciência, e seus efeitos cumulativos para a geração de perturbações psicológicas reforçando a necessidade de adoção de uma perspectiva generificada de estudo dos processos psicológicos, preconceito e saúde mental.

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. A., RODRIGUES, N. F., Determinantes sociais e econômicos da Saúde Mental. *Rev Port Saúde Pública* 2010; 28(2), 127-131.
- CERQUEIRA, Daniel et al. Atlas da violência 2021. **Rio de Janeiro: IPEA**, 2021.
- AZEVEDO, RCS, & BARROS, MBA & SENICATO, C. (2018) Transtorno mental comum em mulheres adultas: identificando os segmentos mais adequados, adultos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(8). <https://doi.org/10.1590/1413-81232018238.13652016> . Retrieved from <https://www.scielo.br/j/csc/a/rSxF9pjYHk5MwQ3xrvS5zcT/?format=html>
- BARBOZA, José Carlos Costa Mourão. **Fenomenologia da consciência e autoconsciência em estados meditativos em praticantes religiosos e não-religiosos: a questão da mediação cognitiva**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.
- BAPTISTA, Makilim Nunes; BAPTISTA, Adriana Said Daher; OLIVEIRA, Maria das Graças de. Depressão e gênero: por que as mulheres deprimem mais que os homens? **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 143-156, ago. 1999 . Disponível em



<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1999000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 dez. 2022.

- BEARD, Mary. **Mulheres e poder: um manifesto**. Editora Planeta do Brasil, 2018.
- BEZERRA, Marília Lopes Oliveira; SIQUARA, Gustavo Marcelino; ABREU, José Neander Silva. Relação entre os pensamentos ruminativos e índices de ansiedade e depressão em estudantes de psicologia. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 7, n. 2, p. 235-244, 2018.
- BOLTE, Erin. Investigating the Moderating Role of Gender Collective Self Esteem on the Relationship between the Experience of Gender Microaggressions and Psychological Distress in Women. 2015. Tese de Doutorado. Southern Illinois University at Edwardsville.
- BONFIM, Grazielle Willian; NASCIMENTO, Isabela Peres Cordeiro; BORGES, Nicodemus Batista. Transtorno Dismórfico Corporal: revisão da literatura. **Contextos Clínicos**, v. 9, n. 2, p. 240-252, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v9n2/v9n2a10.pdf>. Acesso em 24.03.2022
- CERQUEIRA, Daniel et al. Atlas da violência 2021. **Rio de Janeiro: IPEA**, 2021.
- CLARK, David M.; WELLS, Adrian. A cognitive model. **Social phobia: Diagnosis, assessment, and treatment**, v. 69, p. 1025, 1995. Disponível em <https://books.google.com.br/bookshl=ptBR&lr=&id=rXrekuSy2bsC&oi=fnd&pg=PA69&dq=a+cognitive+model+of+social+phobia&ots=gTbJ4iwVfn&sig=cwuSQkbrQz3WMwg4b26hXPNA5E#v=onepage&q=a%20cognitive%20model%20of%20social%20phobia&f=false>. Acesso em 01.03.2022
- CRUZ, Rubén García et al. Pensamiento rumiativo y depression entre estudiantes universitarios: Repensando el impacto del género. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, v. 51, n. 3, p. 406-416, 2017.
- DA SILVA, Bárbara Helena et al. Características do comportamento de microagressão contra pessoas trans em ambientes de trabalho. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, p. 271-288, 2022.
- DA SILVA, Guilherme Henrique Gomes; POWELL, Arthur B. Microagressões no ensino superior nas vias da educação matemática. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática Perspectivas Socioculturales de la Educación Matemática**, v. 9, n. 3, p. 44-76, 2016.
- DUVAL, S.; WICKLUND, R. A. A theory of objective self-awareness. New York: Academic Press, 1972. DUVAL, T. S.; SILVIA, P. J. Self-awareness and causal attribution: A dual-systems theory. Boston: Kluwer, 2001.



- DUVAL, T. S.; SILVIA, P. J. Self-awareness and causal attribution: a dual systems theory. Kluwer Academic, 2001.
- GUTTMAN, L. A general nonmetric technique for finding the smallest coordinate space for a configuration of points. **Psychometrika**, 33(4), 469-506, 1968.
- HAIR Jr., J. F. et al. **Análise Multivariada de Dados**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021) “Estatísticas de gênero: indicadores sociais de mulheres no Brasil”, <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=publicações>
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021) “mulher estuda mais trabalha mais e ganha menos do que o homem - 2018”, <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>
- JIMÉNEZ, J. Self-Consciousness. *Escritos de Psicologia*, v. 7, p. 44-58, 2005.
- JOORMANN, Jutta; DKANE, Marco; GOTLIB, Ian H. Adaptive and maladaptive components of rumination? Diagnostic specificity and relation to depressive biases. **Behavior therapy**, v. 37, n. 3, p. 269-280, 2006. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.beth.2006.01.002>.
- KAUFMAN, Tessa ML; BAAMS, Laura; DUBAS, Judith Semon. Microaggressions and depressive symptoms in sexual minority youth: The roles of rumination and social support. **Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity**, v. 4, n. 2, p. 184, 2017.
- LALONI, D. T. Escala de Avaliação de Sintomas EAS-40. In. Gorestein C, Wang YP, Hungerbühler I (Orgs). **Instrumentos de avaliação em saúde mental**. Porto Alegre: Artmed; 2016.
- LALONI, D. T. **Escala de Avaliação de Sintomas-90-R SCL-90-R: adaptação, precisão e validade**. 2001. Tese de Doutorado não publicada (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2001.
- LEAL, Cristyan Karla Nogueira. **Autoconsciência Privada, Autorreflexão e Insight como reguladores do consumo de álcool entre jovens e adultos**. 2017. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Do Espírito Santo, Vitória-ES, Brasil. Retrieved from http://repositorio.ufes.br/jspui/bitstream/10/9060/1/tese_9544_Leal%20CKN_2017_Dissertacao_Autoconsciencia_Consumo-alcool.Pdf.
- LEAL, Cristyan Karla Nogueira; DE SOUZA, Maria Dolores Pinheiro; DE SOUZA, Mariane Lima. Autorreflexão e insight como dimensões da autoconsciência privada: uma revisão



- da literatura. **Psico**, v. 49, n. 3, p. 231-241, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2018.3.26732>
- LEAL, Cristyan Karla Nogueira; FARIA, Gabriel Gonzaga Barbosa de; SOUZA, Mariane Lima. Autoconsciência Privada, Autorreflexão, Insight e Consumo de Álcool Entre Jovens e Adultos. **Psico-USF**, v. 24, n. 4, p. 633-644, 2019.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Editora Cultrix, 2020.
- LOSS, A.; GUERRA, V. M.; SOUZA, M. L. Associação entre uso de Internet, autoconsciência ruminativa e diferenças de gênero em universitários. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 39, n. 1, p. 33-46, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.8596>
- LOURO, GUACIRA LOPES. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.
- LOURO, GUACIRA LOPES. **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte-MG: Autêntica editora;2020
- MACEDO, Lídia Suzana Rocha de; SILVEIRA, Amanda da Costa da. Self: um conceito em desenvolvimento. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 22, p. 281-290, 2012.
- MILLER, M. K. et al. Through the looking glass: Effects of feedback on self-awareness and conversation during video chat. Conference on Human Factors in Computing Systems - Proceedings, v. 2017–May, p. 5271–5283, 2017.
- MORIN, A.; EVERETT, J. Inner speech as a mediator of Self-awareness, Self-consciousness, and Self-knowledge: An hypothesis. *New Ideas in Psychology*, v. 8, n. 3, p. 337-356, 1990. Disponível em: [http://doi.org/10.1016/0732-118X\(94\)90020-5](http://doi.org/10.1016/0732-118X(94)90020-5).
- MORIN, A. A neurocognitive and socioecological model of Self-awareness. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*, 130(3), 197–222, 2004.
- MORIN, Alain. Implications of mirror self-recognition for self-awareness. **Psychology of Consciousness: theory, research, and practice**, 2021.
- NASCIMENTO, A. M., JUNIOR, R. M. S., JUNIOR, W. S., & ROAZZI, A. (2020). Autoconsciência e Afetos: Enlaces Entre Afeto e Cognição nos Processos de Desenvolvimento do Self. *Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente (ISSN 1983-3423)*, 25(2), 491-505, 2020 Retrieved from <https://bit.ly/3oGkayB>



- NASCIMENTO, A. M.; ROAZZI, A. Autoconsciência, imagens mentais e mediação cognitiva. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 3, p. 493-505, 2013.
- NASCIMENTO, A. M.; PAULA, R. DE P.; ROAZZI, A. Autoconsciência , religiosidade e depressão na formação presbiteral em seminaristas católicos : um estudo ex-post-facto. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 10, n. 1, p. 35–48, 2017.
- NIELSEN, M. I. S. W. Computer-mediated communication and self-awareness – A selective review. *Computers in Human Behavior*, v. 76, p. 554–560, 2017.
- NOLEN-HOEKSEMA, S. (2000). The role of rumination in depressive disorders and mixed anxiety/depressive symptoms. *Journal of Abnormal Psychology*, 109(3), 504–11.
- NOLEN-HOEKSEMA, S. Gender Differences in Depression. *Current Direction in Psychological Science*, v. 10, n. 5, p. 173–176, 2001. NOLEN-HOEKSEMA, S. Sex differences in unipolar depression: Evidence and theory. *Psychological Bulletin*, v. 101, n. 2, p. 259–282, 1987.
- NOLEN-HOEKSEMA, S., MORROW, J., & FREDRICKSON, B. L. (1993). Response styles and the duration of episodes of depressed mood. *Journal of Abnormal Psychology*, 102(1), 20–28. <http://doi.org/10.1037/0021-843X.102.1.20>
- NOLEN-HOEKSEMA, S.; MORROW, J.; FREDRICKSON, B. L. Response styles and the duration of episodes of depressed mood. *Journal of abnormal psychology*, v. 102, n. 1, p. 20–28, 1993.
- NOLEN-HOEKSEMA, S.; WISCO, B. E.; LYUBOMIRSKY, S. Rethinking rumination. *Perspectives on psychological Science*. v19, n. 12, p. 1301–1307, 2008.
- ONU MULHERES. Acabar com a violência contra as mulheres no contexto do COVID-19. 2020d. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/acabar-com-a-violencia-contra-as-mulheres-no-contexto-do-covid-19/> . Acesso em: 13/04/2020.
- PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte- MG: Autentica editora;2020.
- RIVIÈRE, Julie; ROUSSEAU, Amélie; DOUILLIEZ, Céline. Effects of induced rumination on body dissatisfaction: Is there any difference between men and women?. **Journal of behavior therapy and experimental psychiatry**, v. 61, p. 1-6, 2018.
- ROAZZI, A. Categorização, formação de conceitos e processos de construção de mundo: procedimento de classificações múltiplas para o estudo de sistemas conceituais e sua forma de análise através de métodos de análise multidimensionais. **Cadernos de Psicologia**, 1, 1-27, 1995.



- SENICATO, Caroline; AZEVEDO, Renata Cruz Soares de; BARROS, Marilisa Berti de Azevedo. Transtorno mental comum em mulheres adultas: identificando os segmentos mais vulneráveis. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 2543-2554, 2018.
- SILVIA, Paul J.; DUVAL, T. Shelley. Objective self-awareness theory: Recent progress and enduring problems. **Personality and social psychology review**, v. 5, n. 3, p. 230-241, 2001.
- SILVA JUNIOR, R. M. da. **Autoconsciência em adolescentes e adultos e indicadores psicopatológicos: análise sincrônica e diacrônica de suas relações**. Tese de doutorado não publicada (Doutorado em Psicologia Cognitiva) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, 2019.
- SILVEIRA, Amanda da Costa da. Autoconsciência em medidas de autorrelato e em contextos de resolução de problemas. 2011. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/35038>.
- SILVEIRA JÚNIOR, Érico de Moura. Estudo transdiagnóstico da ruminação nos transtornos mentais: esquizofrenia, transtorno esquizoafetivo, transtornos bipolares, depressão e transtornos de ansiedade. 2017. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/174728>.
- SUE, Derald Wing. **Microaggressions in everyday life: Race, gender, and sexual orientation**. John Wiley & Sons, 2010.
- TRAPNELL, P. D.; CAMPBELL, J. D. Private self-consciousness and the five-factor model of personality: distinguishing rumination from reflection. **Journal of personality and social psychology**, v. 76, n. 2, p. 284, 1999.
- TRAPNELL, P. D.; CAMPBELL, J. D. Private self-consciousness and the five-factor model of personality: distinguishing rumination from reflection. **Journal of personality and social psychology**, v. 76, n. 2, p. 284, 1999.
- TRAPNELL, Paul D.; CAMPBELL, Jennifer D. Private self-consciousness and the five-factor model of personality: distinguishing rumination from reflection. **Journal of personality and social psychology**, v. 76, n. 2, p. 284, 1999. Disponível em <https://doi.org/10.1037/0022-3514.76.2.284>. Acesso em 10.01.2022.
- VIANA, N. J. Q. **Autoconsciência e padrões de atratividade no ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homo e heteroafetiva**. Tese de doutorado não publicada (Doutorado em Psicologia Cognitiva) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, 2016.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte- MG: Autentica editora;2020.



ZANELLO, V., FIUZA, G., COSTA, H. S. Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. **Fractal, Rev. Psicol.** 2015, vol.27, n.3, pp.238-246.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação.** Editora Appris, 2018.

ZANELLO, Valeska; SILVA, René Marc Costa. Saúde mental, gênero e violência estrutural. 2012.

ZANON, C.; TEIXEIRA, M. A. P. Adaptação do Questionário de Ruminação e Reflexão (QRR) para estudantes universitários brasileiros. **Interação em Psicologia**, v. 10, n. 1, p. 75–82, 2006.

Recebido: 30/9/2023.

Aprovado em: 30/11/2023.

Publicado em: 01/01/2024.



Sobre autores e contato:

Juliana Bárbara Barboza de Moura –

Graduanda em Psicologia – (PIBIC) UNINASSAU

E-Mail: juli-barbara@hotmail.com

Renê Marcelino da Silva Junior –

Doutor em Psicologia Cognitiva pelo PPG em Psicologia Cognitiva, UFPE. Professor na UNINASSAU. Pesquisador do LACCOS / UFPE. Email: renemarcelino@gmail.com.

Alexsandro Medeiros do Nascimento

Doutor, Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Coordenador do Laboratório de Estudos de Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self (LACCOS)

E-mail: alexsandro.mnascimento@ufpe.br

<http://orcid.org/0000-0002-9981-8384>

Antonio Roazzi

Ph.D., Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: roazzi@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6411-2763>

<http://lattes.cnpq.br/6108730498633062>

https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Roazzi